

DOI: 10.20911/21799024v15n2p55/2024

A filosofia da intersubjetividade em Martin Buber: O diálogo como fundamento da existência humana

**The Philosophy of Intersubjectivity in Martin Buber:
Dialogue as the Foundation of Human Existence**

Renato Correia Santos¹

Resumo: A filosofia de Martin Buber, conhecida por sua profunda análise da relação humana, traz uma contribuição singular para a compreensão da existência humana. Sua ideia de vocação dialógica sustenta que o ser humano, por sua natureza, é chamado ao diálogo e à interação *Eu-Tu*. Neste artigo, vamos examinar os conceitos de intersubjetividade, diálogo e ontologia da relação, com o objetivo de explorar a relevância da perspectiva buberiana na filosofia e na vida cotidiana.

Palavras-chave: Martin Buber; Diálogo; Intersubjetividade; Ontologia da Relação; Ética do Encontro.

Abstract: Martin Buber's philosophy, renowned for its profound analysis of human relationships, offers a unique contribution to the understanding of human existence. His idea of dialogical vocation asserts that human beings, by nature, are called to dialogue and the I-Thou interaction. This article examines the con-

¹ Graduado em Direito pelo Centro Universitário Toledo de Presidente Prudente - SP, Especialista em Juventudes e o mundo contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte - MG; graduando em Filosofia pela mesma faculdade. E-mail: renatocorreiasj@jesuits.net.

cepts of intersubjectivity, dialogue, and the ontology of relation, aiming to explore the relevance of Buber's perspective in philosophy and everyday life.

Keywords: Martin Buber; Dialogue; Intersubjectivity; Ontology of Relation; Ethics of Encounter.

Introdução

O presente artigo tem como referência a obra *Eu e Tu* de Martin Buber (1923), onde o filósofo apresenta uma visão abrangente sobre a dimensão relacional da existência na qual a intersubjetividade ocupa um lugar central. Na obra referida, Buber mostra que o ser humano não se realiza no isolamento, mas no encontro com o *Tu*, em relações de reciprocidade e reconhecimento mútuo (BUBER, 2009, p. 13). Essa abordagem propõe uma perspectiva alternativa sobre a existência, a saber, que ela só pode ser verdadeiramente entendida através do diálogo e do contato genuíno com o *Tu*.

Neste artigo analisaremos três aspectos fundamentais do pensamento de Buber. Primeiro, a relação e o diálogo como o núcleo da existência humana, enfatizando que o diálogo autêntico vai além de uma simples troca de palavras, sendo um ato transformador. Depois discutiremos a ontologia da relação e a intersubjetividade, que entende o ser humano como essencialmente em conexão com o mundo e com o *Tu*, destacando que o *Eu* só se define plenamente na interação com o *Tu*. Por fim, um conceito-chave em Buber, a intersubjetividade, que será exposta através da responsabilidade pelo *Tu*, que exige, por sua vez, um compromisso ético incondicional.

Com essa análise, o artigo busca mostrar como a filosofia de Buber propõe uma compreensão relacional da existência, onde a intersubjetividade e o diálogo são cruciais para definir o ser e guiar a ética nas relações humanas, evidenciando a pertinência de perspectivas alternativas para compreensão da existência.

1. A relação e o diálogo: essência da existência humana

Na filosofia de Martin Buber, a relação é o cerne da existência humana, sendo intrínseca à condição do ser, e não algo secundário ou opcional. Buber argumenta que o ser humano não se realiza de forma autônoma ou isolada; sua plenitude só é alcançada por meio do encontro e da interação genuína com o outro, o *Tu*. Segundo Rubens Rieg, a perspectiva de Buber

não cessa de lembrar em sua reflexão que a relação Eu-Tu é o fundamento e o próprio princípio do ser homem. Essa relação faz o Eu, em relação a um Tu, também pessoa. É somente mediante a vivência da intersubjeti-

vidade, que a pessoa entra em contato com o outro ser humano, imbuídos numa realidade comum. A isso Buber chama de ser-com, o fundamento da existência e da vida comunitária (RIEG, 2007, p. 54).

Nesse contexto, percebe-se que a relação não é uma dimensão secundária, mas essencial, pois é nela que se constituem a identidade, o sentido e o propósito do Eu. O Eu só existe verdadeiramente na medida em que está em relação com um Tu, o que revela uma visão profundamente intersubjetiva da existência. (RIEG, 2007, p. 14).

Buber distingue dois modos fundamentais de relação: a relação *Eu-Tu* e a relação *Eu-Isso*. A relação *Eu-Isso* se refere à interação instrumental e objetificante, na qual o outro é tratado como um objeto a ser manipulado, conhecido ou utilizado. Esse tipo de relação caracteriza o cotidiano e os processos funcionais, em que as pessoas interagem sem um envolvimento profundo ou genuíno. Para Rieg (2007, P.43):

o homem se coloca diante do mundo e dos seres existentes sob as duas atitudes fundamentais. A primeira, esteio para a existência dialógica, caracterizada pela relação *Eu-Tu*, e a segunda é o vínculo objetivável, o campo da experimentação, do conhecimento e utilização caracterizados na relação *Eu-Isso*. A experiência estabelece um contato na estrutura do relacionamento, de certo modo, unidirecional entre um Eu, ser egótico, e um objeto manipulável. O mundo do Isso é ordenado e coerente, ele é indispensável para a existência humana. É o lugar onde se entende os outros. Ele é essencial, mas não pode ser o sustentáculo ontológico do inter-humano.

Para Buber, contudo, o verdadeiro sentido da existência humana não reside aqui. Ele se manifesta na relação *Eu-Tu*, onde *Eu* e *Tu* se encontram como sujeitos plenos, em um reconhecimento mútuo que transcende a utilidade ou o interesse (BUBER, 2009, p. 43).

A relação *Eu-Tu* é, pois, uma abertura autêntica para o encontro. Ela não é predeterminada nem mediada por categorias ou funções; é uma interação de pura presença, onde os sujeitos se revelam em sua integralidade. “A atitude *Eu-Tu* marca o existir autêntico do homem, pois a palavra-princípio *Eu-Tu* só é pronunciada pelo homem com todo o seu ser” (ZUBEN, 2015, p. 947). Buber vê essa forma de relação como a essência da vida humana, porque é através do encontro genuíno com o *Tu* que o *Eu* descobre sua própria identidade. A relação, assim, não é apenas um meio para atingir outro fim, mas o fim em si mesma, o lugar onde a existência humana se realiza em profundidade (BUBER, 2009, p. 51).

Nessa perspectiva, o diálogo surge como a máxima expressão da relação *Eu-Tu*. No diálogo, o *Eu* e o *Tu* não apenas trocam informações, mas participam de um encontro que envolve reciprocidade, abertura e transformação. Para Buber, o diálogo é uma forma de ser, transcende a dimensão técnica da comunicação, pois envolve a escuta atenta, a vulnerabilidade e a disposição para se deixar afetar pelo *Tu*. É nesse espaço de partilha genuína que o diálogo revela

seu caráter transformador. Na sua obra *Do diálogo e do dialógico* (1982), Buber (1982, p. 37) assinala o diálogo como

um elemento de comunicação – por mais íntimo que seja – parece pertencer a sua essência. Mas, nos momentos mais elevados, o diálogo transcende também estes limites. Ele se completa fora dos conteúdos comunicados ou comunicáveis, mesmo os mais pessoais; não se completa, no entanto, num acontecimento místico, mas sim num acontecimento que é concreto no sentido estrito da palavra, totalmente inserido no mundo comum dos homens e na sequência temporal concreta.

O verdadeiro diálogo ocorre quando ambas as pessoas se apresentam em sua totalidade, evitando reduzir o *Tu* a um *Isso* ou instrumentalizar a relação. Trata-se de um ato de reconhecimento profundo, em que cada sujeito se revela e, simultaneamente, se transforma pela presença do outro. Mais do que um meio de transmissão de ideias, o diálogo é um encontro genuíno de subjetividades, no qual novos significados e compreensões emergem. Nesse sentido, o diálogo torna-se uma condição essencial para a construção da identidade humana e para a convivência autêntica.

Além disso, Buber afirma que o diálogo autêntico traz uma dimensão ética intrínseca. Quando nos engajamos em uma relação *Eu-Tu*, nos comprometemos a tratar o *Tu* como um fim em si, e não como um meio. Isso cria uma base ética para a existência, onde a responsabilidade pelo outro ser humano se torna inevitável. Segundo o autor Willamis Aprígio de Araújo (2014), Buber “prioriza o diálogo como elemento fundante de seu pensamento”, e continua:

o filósofo de Viena o vincula não apenas ao relacionamento dos homens entre si, mas ao comportamento dos homens, a sua atitude de um para-com-o-outro, cujo elemento mais importante é a reciprocidade da ação interior (ARAÚJO, 2014, p. 24).

O diálogo, portanto, não apenas emerge como um exercício filosófico ou psicológico; é um ato ético em que cada sujeito assume um compromisso com o bem-estar e a dignidade entre si. Através dessa abordagem, Buber redefine o modo como entendemos a existência humana, ampliando a sua compreensão como algo individual e fechado para um processo contínuo de relação e diálogo. A identidade, o propósito e o valor de cada pessoa emergem e se solidificam no espaço entre *Eu-Tu* (RIEG, 2007, p. 70). Assim, a relação e o diálogo são a essência da vida humana e a realização plena do ser só ocorre quando o *Eu* se dispõe para o *Tu* de forma genuína, acolhendo a intersubjetividade como parte constitutiva de sua própria existência. Na obra *Eu e Tu*, Buber (2009, p.59) afirma que,

quando se vive numa relação realiza-se, neste *Tu* encontrado, a presença do *Tu* inato. Fundamentando-se no *a priori* da relação, pode-se acolher na exclusividade este *Tu*, considerando como um parceiro; em suma pode se endereçar-lhe a palavra-princípio. O *Tu* inato atua bem cedo, na necessidade de contato (necessidade de início, tátil, e em seguida, um contato visual o com outro ente), de tal modo que ele expressa cada vez mais cla-

ramente, a reciprocidade e “a ternura”. Porém, desta mesma necessidade provém o instinto de autor e aparece posteriormente (instinto de produzir coisas por síntese, ou, quando isso não é possível, por análise, decompondo, separando) de tal maneira que se produz uma personificação das coisas feitas, um diálogo.

A visão de Martin Buber nos convida a reconhecer a centralidade da relação e a importância do diálogo como práticas cotidianas de reconhecimento e transformação. Na existência humana, não há espaço para a autossuficiência, pois ela se alicerça na relação pessoal, onde o encontro e a troca criam o ambiente propício para o desenvolvimento ético e existencial. O diálogo, nesse contexto, é o lugar onde a vida adquire sentido, já que é na relação *Eu-Tu* que se constitui a compreensão da pessoa. O *Eu* não existe sem o *Tu*, e vice-versa.

2. A ontologia da relação: a intersubjetividade como fundamento do encontro

A ontologia da relação proposta por Martin Buber oferece uma compreensão alternativa sobre a existência humana, posicionando a intersubjetividade como um elemento central. Sua perspectiva desafia a visão moderna do ser humano como uma entidade autônoma e isolada, argumentando que o *Eu* só se constitui de maneira plena na relação com o *Tu*. A intersubjetividade, nesse contexto, é um aspecto essencial do ser, que se revela e adquire sentido no encontro autêntico, superando a noção de que ela é uma característica individual ou uma diferença entre os indivíduos.

Para Buber, a intersubjetividade vai além da mera presença ou distinção do outro em relação ao *Eu*. Ela é o fundamento da própria existência, configurando-se como uma condição ontológica e relacional indispensável. O *Tu*, em sua concepção, não é um objeto de análise, manipulação ou conhecimento, mas uma pessoa completa que se revela no momento do encontro genuíno. Na relação *Eu-Tu*, o encontro não é algo que o *Eu* cria ou impõe, mas uma experiência a ser descoberta e acolhida, enraizada na própria estrutura do ser.

A relação com o *Tu*, conforme Buber, transcende qualquer interação funcional ou utilitária. Não é uma qualidade accidental ou externa do outro, mas uma dimensão constitutiva e indispensável para a formação do *Eu* (BUBER, 2009, p. 29). Ela estabelece um vínculo profundo e recíproco, conhecido como relação *Eu-Tu*, em oposição à relação *Eu-Isso*, onde o *outro* é tratado como objeto, fragmentado e instrumentalizado. Para Buber, o sujeito só se compreende e se constitui de maneira integral quando se dispõe para o reconhecimento do *Tu*, ou seja, como um sujeito com quem se estabelece uma relação recíproca e não instrumental (*Ibid.*, 2009, p. 30).

Na relação *Eu-Tu*, os sujeitos se transformam mutuamente, pois não há *Eu* sem *Tu* e vice-versa. Essa expansão na relação que possibilita ao ser humano sua realização completa. Nesse sentido, o ser humano não é definido por uma essência isolada ou preexistente, mas pelas interações e encontros que moldam sua identidade. Assim, o encontro não é algo que o *Eu* cria ou impõe, mas uma

experiência que se descobre e se acolhe, pois está inserida na própria estrutura do ser.

Segundo Willamis Aprígio Araújo (2014, p. 93),

a realidade contemporânea é marcada por uma profunda crise nas relações humanas, as quais, quase que totalmente, não expressam mais o sentido do humano devido à luta pelo sucesso particular encabeçado, pelo imperialismo do individualismo, ou do coletivismo, os quais não proporcionam ao homem produzir uma palavra que figure como responsabilidade ao Outro, mas apenas uma palavra sem rosto, amorfa, mascarada pela ilusão do estar junto. Mesmo frente a essa conjuntura existencial vivida na sociedade hodierna, Buber conserva sua fé no humano no intento de encontrar, nos diferentes seres humanos e nas diferentes sociedades compostas por estes, uma predisposição dialógica, a qual potencializa o desejo de nostalgia, isto é, de “retorno” ao vínculo cósmico.

Desse modo, a relação com o *Tu* não acontece na superfície do ser humano, mas em suas profundezas; é no encontro com o *Tu* que o *Eu* se descobre, se transforma e ganha sentido. Nesse sentido, Willamis Aprígio Araújo afirma que Buber “acredita que a palavra falante conduz o ser em direção ao aceno para o Outro, a um aperto de mão sincero, no qual a verdadeira saudação se efetiva no dizer sem dito” (ARAÚJO, 2014, p. 93). E continua:

A palavra proposta por Buber, que encontra seu princípio no entre, expressa nossa saída de si em direção ao Outro em busca da terra natal, terra esta caracterizada pela sua ontologia da relação como lócus a priori que identifica o existir humano, para o qual, segundo Buber, todos nós desejamos retornar. Retorno este que, salienta-se, não nos leva para outro mundo, mas possibilita a vivência neste de forma comprometida, ética, a qual depende da disponibilidade pessoal para a resposta dialógica efetiva-se (ARAÚJO, 2014, p. 93).

Com efeito, a intersubjetividade se revela como uma experiência de descoberta mútua, em que o reconhecimento do *Tu* implica, simultaneamente, um aprofundamento no conhecimento do *Eu* (RIEG, 2007, p. 74). O *Eu* não existe verdadeiramente isolado, mas na abertura à relação com o *Tu*, numa troca que envolve vulnerabilidade, acolhimento e autenticidade.

A ontologia da relação de Buber propõe, portanto, que o ser humano não é definido por suas propriedades internas ou por uma essência pré-existente, mas pelas interações e encontros que moldam sua identidade. Dessa forma, compreendemos que

Eu e Tu representa, sem dúvida, o estágio mais completo e maduro da filosofia do diálogo de Martin Buber. Ele a considera como sua obra mais importante: obra na qual apresentou, de modo mais completo e profundo, sua grande contribuição à filosofia. Eu e Tu não é simplesmente uma descrição fenomenológica das atitudes do homem no mundo ou simplesmente uma fenomenologia da palavra, mas é também e sobretudo uma ontologia da relação. Podemos dizer que a principal intuição de Buber foi exatamente o sentido de conceito de relação para designar aquilo que, de

essencial, acontece entre seres humanos e entre o Homem e Deus (BUBER, 2009, p.23).

Buber defende que a identidade do *Eu* não é estática ou isolada. Ela se forma e se reformula continuamente nas relações que estabelecemos com *Tu* e com o mundo (*Isso*) ao redor. A realidade, portanto, é composta por uma teia de interações que dão origem à verdade e ao significado. Assim, o encontro com o *Tu* um espaço de profunda transformação, onde o *Eu* se descobre, se redefine e encontra seu verdadeiro sentido. Com isso, o encontro é uma dimensão constitutiva do ser que permite a realização plena do sujeito ao se pôr na relação. A relação não é meramente funcional ou utilitária, como vimos, mas o espaço onde o ser humano se revela em sua completude, como descreve Buber (2009, p. 89):

Aquele que entra na relação absoluta não se preocupa com nada de isolado, nem com as coisas, ou antes, nem com a terra ou com o céu, pois tudo está incluído na relação pura; não significa prescindir tudo, mas sim ver tudo no *Tu*; não é renunciar ao mundo, mas proporcionar-lhe apenas fundamentação.

O autor ressalta que, no encontro autêntico, o *Eu* não se preocupa com o mundo de forma fragmentada ou com objetos isolados. Tudo está contido na relação pura com o *Tu*, uma abertura que, ao invés de renunciar ao mundo, oferece-lhe um fundamento mais profundo.

Não é o ser-próprio como tal que é o essencial em última instância, mas o fato que o sentido da criação da existência humana se completa, vez após vez, como ser-próprio. É a função de abertura entre os homens, é o auxílio ao vir a ser do homem enquanto ser-próprio, é a assistência mútua na realização do ser próprio da natureza humana conforme a criação, é isto que leva o inter-humano à sua verdadeira altura (BUBER, 1982, p. 152).

É por meio dessa abertura ao *Tu* que o *Eu* humano encontra o sentido de sua existência, sendo o *Eu* e o *Tu* realidades espirituais ou existenciais interdependentes, cuja relação constrói a identidade de cada um. Dessa forma, a intersubjetividade se torna um chamado à autenticidade e à abertura. A realização plena do *Eu* ocorre na reciprocidade dessas relações, onde a vulnerabilidade e o acolhimento se manifestam. É nessa dinâmica relacional que o *Eu* humano descobre a profundidade da sua existência. O *Eu* se define na interação contínua e na descoberta do *Tu*; é nessa troca genuína que reside a essência da ontologia da relação de Buber, revelando a importância fundamental da relação para a constituição do ser humano.

3. A ética do encontro: a intersubjetividade do *Eu-Tu* que funda a responsabilidade mútua

A ética buberiana do encontro está profundamente enraizada na intersubjetividade e na responsabilidade da relação *Eu-Tu*. Ao contrário de uma visão

de ética como um conjunto de normas ou regras universais, a ética buberiana emerge do encontro autêntico entre o *Eu* e o *Tu* (ARAÚJO, 2014, p. 106). Nesse contexto, a relação ética não é mediada por preceitos abstratos, mas nasce diretamente do reconhecimento da dignidade e singularidade do *Tu*, que se revela como sujeito integral e não como um objeto (*Isso*) a ser tratado ou instrumentalizado. A ética, portanto, é essencialmente relacional.

A responsabilidade pelo *Tu* surge de maneira imediata no encontro genuíno. Quando o *Eu* se depara com um *Tu* – ou seja, não como um objeto (*Isso*), mas como uma presença autêntica e insubstituível –, é chamado a uma resposta ética que vai além de qualquer mandamento formal. O *Tu*, na sua singularidade, demanda respeito, cuidado e reconhecimento, e essa demanda não é opcional. Ela é intrínseca à condição humana, pois o ser humano se define na relação.

Nesse sentido, Araújo (2014, p. 106) escreve que:

a ética proposta por Buber se evidencia na medida em que o homem é capaz de estabelecer uma vivência pessoal com o absoluto no mundo. Por justificar-se a partir de valores inerentes ao homem os quais, mediante a vivência desses valores, o aproximam de uma relação direta com Deus, podemos dizer que a ética buberiana é transcendente.

Essa responsabilidade ética pelo *Tu*, segundo Buber (2009, p. 33), não se baseia em um princípio abstrato de justiça ou em normas universais, mas se manifesta como um chamado concreto e pessoal quando o *Eu* se encontra face a face com o *Tu*. É uma responsabilidade que, ao invés de ser imposta de fora, surge de dentro do próprio encontro, da vulnerabilidade e da reciprocidade que o contato humano genuíno possibilita. Nesse sentido, a ética buberiana é fundamentalmente existencial, pois está diretamente conectada com a experiência vivida e com a presença do *Tu*.

Trata-se de um autor que reconhece na orientação divina o fio norteador para o agir ético. No entanto, tal reconhecimento não se efetiva por um pleito de universalidade do agir com vistas à uniformidade e nem encontra na razão pura sua principal fonte de fundamentação, o que configuraria uma ética em molde moderno, a qual encontra uma das suas representatividades na ética kantiana (ARAÚJO, 2014, p. 106).

A singularidade do *Tu* é, portanto, o que torna essa responsabilidade única. Para Buber, cada *Tu* é irrepetível, com uma dignidade própria que não pode ser substituída ou reduzida a conceitos genéricos. Assim, a ética é sempre uma resposta a um *Tu* específico, com suas particularidades e sua história. “Ao contrário de Kant, ele não a compreende como uma postura universal que atende a um determinado dever reconhecido de forma a priori na razão, mas sim, como uma resposta singular ao caminho que nos é próprio frente às situações da vida” (ARAÚJO, 2014, p. 107). O reconhecimento da singularidade do *Tu* não permite que ele seja subsumido sob regras impessoais ou tratados como um meio para um fim. O *Tu* exige ser visto e tratado como um fim em si mesmo, e isso exige um engajamento ético que ultrapassa qualquer norma.

Newton Aquiles von Zuben interpreta a ética buberiana como “os princípios éticos e morais devem levar em conta, para serem eficazes, a singularidade de cada situação e adaptar suas exigências às circunstâncias e contingências” (ZUBEN, 2003, p.18). Esse enfoque faz com que a ética, na visão de Buber, seja um ato de compromisso e responsabilidade que não se esgota em meras ações exteriores. Ela é uma resposta profunda, que envolve a totalidade do *Eu* no encontro com o *Tu*. O *Eu* é chamado a se responsabilizar pelo *Tu* de forma incondicional, sem esperar recompensas ou reciprocidade. É uma ética do cuidado e do acolhimento, que vai além de um cálculo de benefícios ou de uma aplicação de regras preestabelecidas. Essa responsabilidade é colocada por Buber no “nível da vida vivida”, segundo Zuben (2003, p. 153), que continua:

Ele não a aborda no plano de uma ética autônoma, de um “dever” abstrato. Na realidade, a vida humana é vivida em situações concretas de relações inter-humanas. A verdadeira responsabilidade se encontra onde há possibilidade de resposta. A responsabilidade se torna então o nome ético da reciprocidade, uma vez que a resposta autêntica se realiza em encontros inter-humanos no domínio da existência em comum.

Além disso, a ética do encontro de Buber tem uma dimensão transformadora. Quando o *Eu* assume sua responsabilidade pelo *Tu*, ambos são transformados pelo encontro. A ética não apenas protege a dignidade do outro, mas também permite que o *Eu* se realize plenamente como ser humano (ARAÚJO, 2014, p. 118). A relação ética, nesse sentido, é bidirecional: o *Eu* se define na medida em que reconhece e responde à alteridade do *Tu*. A responsabilidade ética, portanto, não é apenas um dever, mas uma forma de existência em que o *Eu* se torna mais pleno ao se abrir ao *Tu*.

Buber também enfatiza que essa responsabilidade ética é contínua e não pode ser limitada a momentos específicos de interação; trata-se de uma postura fundamental diante da vida que molda todas as relações humanas. O autor apresenta que a ética não está restrita a um código de conduta social ou a situações específicas de decisão moral. Pelo contrário, ela é uma atitude diante da existência, onde o *Eu* reconhece que sua própria humanidade está intrinsecamente ligada à forma como se relaciona com o *Tu*. Desse modo, “a ética buberiana está intimamente relacionada ao compromisso humano com a vida concreta, a qual se encontra vinculada à contemplação do ser que está em relação” (ARAÚJO, 2014, p.119). A existência ética, assim, é a própria vivência da alteridade, que permeia todos os aspectos da vida.

Finalmente, a ética buberiana nos lembra que o reconhecimento do *Tu* exige um engajamento ativo e contínuo. Não basta reconhecer o *Tu* em um momento isolado, é preciso sustentar essa abertura e responsabilidade em todas as relações pessoais e contextos. Isso implica que a ética é uma prática diária, onde o respeito pela dignidade do *Tu* se manifesta em ações concretas de cuidado, escuta e acolhimento.

Em resumo podemos dizer que para Buber a ética é inseparável da relação *Eu* e *Tu* e da responsabilidade que essa relação impõe. Não se trata de seguir

normas externas, mas de se comprometer profundamente com a dignidade e singularidade da pessoa. Esse compromisso não é um simples imperativo moral, como em Kant, mas uma expressão da própria humanidade que se realiza plenamente na abertura ao *Tu* (*Divino*). Ao colocar o *Tu* no centro da ética, Buber nos convida a viver de forma mais consciente e responsável, reconhecendo que a nossa existência está interligada com a pessoa do próximo.

Considerações finais

A filosofia de Martin Buber, centrada na vocação dialógica do ser humano, nos desafia a repensar nossas interações com o mundo e com os outros. Ao destacar a importância do encontro pessoal, da relação e do diálogo, Buber nos oferece uma compreensão mais abrangente da experiência humana, valorizando-a em sua totalidade. Sua contribuição é especialmente relevante para a reflexão contemporânea, ao propor caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e humana.

A partir do estudo de categorias da filosofia de Buber, abordamos a centralidade do encontro e do diálogo como fundamentos da existência humana. Através do encontro autêntico com o outro, o ser humano se realiza, pois, a relação não é um aspecto secundário, mas o eixo que permite o reconhecimento mútuo e a reciprocidade.

A ética da responsabilidade pelo *Tu*, pela relação, núcleo da filosofia buberiana, afirma que o *Eu* humano possui um dever essencial de cuidar do próximo, o *Tu*. Esse compromisso ético se manifesta no diálogo e nas relações genuínas, nas quais a existência adquire profundidade e propósito. Além disso, como, nessa perspectiva, a ontologia da relação destaca que o *Eu* humano só se define plenamente em interação constante com o *Tu* e com o mundo (*Isso/Ele*).

Assim, Buber nos mostra que a essência da vida humana está fundamentada no encontro, no diálogo e na responsabilidade pela relação. Sua filosofia redefine o sentido da existência, mas também nos convida a praticar, no dia a dia, o respeito e o reconhecimento mútuos como pilares para o desenvolvimento pleno da humanidade.

Referências

ARAÚJO, Willamis Aprígio. *Ética e Alteridade: uma leitura a partir da filosofia de Martin Buber e suas implicações para a compreensão do outro*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, na linha de pesquisa Ética e Política, como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Recife; 141 páginas; 2014.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10ª ed. revista, 3ª reimpressão. São Paulo: Centauro Editora, 2009.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Tradução de: Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1982.

RIEG, Rubens. *A Relação Dialógica: a descoberta do zwischen em Martin Buber*. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre; 97 páginas; 2007.

ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. São Paulo: EDUSC, 2003.

ZUBEN, Newton Aquiles von. *Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber*. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 941-968, abr./jun 2015.